

O TIRO CIVIL

REVISTA DE EDUCAÇÃO PHYSICA E DE SPORT NACIONAL

PREMIADO COM O GRANDE DIPLOMA DE HONRA NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA, LISBOA 1898

Director e proprietario

Anselmo de Sousa

Orgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes

(Artigo 42.º do Estatuto, decreto do ministerio da guerra de 23 de novembro de 1899)

E DA UNIÃO VELOCIPEDICA PORTUGUEZA

Secretario da redacção

Carlos Callizto

Editor responsavel

J. S. Pedroso Junior

Typographia — Rua de S. Paulo, 216

Sabbado, 15 de Março de 1902

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 6 mezes 600 réis
Provincias, 6 mezes 680 »
Numero avulso 60 »

TIRO

GIL VASQUES DA CUNHA

PORTOCARRERO

No dia 6 do corrente falleceu este nosso bom amigo e constante companheiro na propagação e divulgação do Tiro Nacional.

Gil Portocarrero contava 50 annos, tendo nascido em 21 de novembro de 1851; foi socio da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, quasi desde a sua fundação e da *Associação dos Atiradores Civis Estrella*; feita a *União dos Atiradores Civis Portuguezes* foi sempre seu prestimoso socio.

Como atirador, foi o mais vicioso e entusiasta que conhecemos, sessões houve em que fez 120 tiros e rara seria aquella em que fizesse menos de 50 ou 60 tiros.

Excessivamente nervoso, nunca nos concursos de tiro, poude demonstrar as suas excellentes qualidades de atirador. O primeiro premio que obteve, foi em 28 de junho de 1896, em que alcançou o 8.º lugar no concurso de tiro realizado n'aquelle dia.

Como funcionario publico exercia as suas funcções no ministerio da fazenda na repartição do cofre central, onde era estimado por todos os seus collegas.

A bondade e rectidão do seu elevado caracter, a sua illustração e as fidalgas qualidades do seu fino trato tornavam-no querido de quantos o conheciam.

No seu funeral, que foi muito concorrido, a *União* fez-se representar pelos srs. Anselmo de Sousa e Eduardo de Noronha, presidente e secretario da Comissão executiva. Paz á sua alma.

A' illustre familia do extinto e nosso chorado camarada a expressão sincera dos nossos sentimentos.

O TIRO NACIONAL

III

(Continuado do n.º 230)

Parecia, entretanto, ter melhorado a situação. Com effeito, uma estatística de 1899 accusava, entre 97:956 convocados, 11:319 inscriptos no tiro ao alvo nacional, e que por esse motivo estavam dispensados pela lei, havendo assim a proporção $\frac{1}{9}$ para as exceptuadas.

As communas reconheciam, não obstante, a utilidade immediata de uma nova instituição, e, lutando com a falta de recursos, consideravam uma utopia o construir-se um numero consideravel de polygonos, para poderem satisfazer aos fins deseados. Mesmo com uma grande concorrencia e limitando se ás linhas do tiro de 200

metros, não poderia a construção de cada carreira custar menos de 50:000 francos. Como alcançar estas sommas?

As pequenas communas retrahiam-se, e não queriam comprometter-se ao passo que as grandes cidades, por estar em voga o tiro nacional, e ser já um habito de *sport*, avantajavam-se a despezas consideraveis, sacrificando ao gosto do dia e ao luxo outras necessidades mais urgentes.

Estava pois transformado o tiro nacional, uma das mais bellas instituições para a defeza d'um povo, n'um *rendez-vous* de



Gil Vasques da C. Portocarrero

Atirador distincto.

socio da *União dos Atiradores Civis Portuguezes*
FALLECIDO EM 6 DE MARÇO DE 1902

elegantes, onde concorria já o elemento femenino e empolgado pela burguezia abastada que procurava dar-lhe o tom de *sport* e da moda. Não se tinha mais em vista, nem mais se poderia conseguir, do que formar alguns habéis atiradores e campeões de concurso. Roma, a famosa capital, dispndia já 80:000 francos com a sua instalação de tiro ao alvo, e varias cidades lhe seguiam o exemplo.

Outras difficuldades de ordem administrativa surgiram, taes foram as que resultavam da confusão da partilha das attribuições entre os ministerios do interior e o da guerra. Ao passo que do primeiro dimanavam as questões d'ordem administrativa as de ordem technica dependiam do segundo. Ora as resoluções dos negocios publicos já são morosas e enfadonhas quando dimanam d'uma só origem, quanto mais dependendo de dois ministerios diferentes; assim tornavam todas as decisões difficéis e quasi impossiveis de realizar, e muito especialmente as que se referiam ao estabelecimento das carreiras de tiro, onde era necessario harmonisar o valor absoluto do terreno a adquirir com a sua conveniencia technica.

As difficuldades não podiam deixar de surgir e foram, com effeito, numerosas, e, tanto assim, que a primeira reforma a introduzir na lei de 1882, tinha precisa-

mente por fim pôr termo a uma situação que impedia o desenvolvimento normal da obra commum.

Sob a influencia do general Pelloux, a idéa da militarisação mais completa do tiro ao alvo nacional, fazia progressos sensiveis na opinião publica, entre a qual o general pretendia demonstrar que não queria usurpar á instituição o seu caracter essencialmente civil. — *Desejamos militarisal-a mas não fazer d'ella uma instituição militar; hoje o exercito é a nação armada, é necessario que aquelle e esta sejam dirigidos para o mesmo fim.*

Esta corrente d'idéas, por um lado, e as difficuldades apontadas, por outro, deviam necessariamente dar logar ás modificações da lei de 1882, e foram o objecto da lei de 21 de fevereiro de 1892.

Esta lei collocava o tiro ao alvo nacional sob a *alta vigilancia* dos ministerios do interior, da instrução publica e da guerra; porém a instituição era *administrada e dirigida* unicamente pelo ministerio da guerra. Obtinha-se assim uma unidade d'acção para o funcionamento d'esta grande instituição.

A adopção d'esta lei devia dar, relativamente, bons resultados, pois permittia diminuir as despezas exaggeradas da construção das carreiras de tiro e assegurava uma direcção mais firme e mais seria.

Finalmente, como a nova lei especificava que a direcção superior do tiro ao alvo nacional estaria a cargo dos ministerios da guerra, da instrução publica e do interior, deveria necessariamente ser modificada, na parte que dizia respeito á direcção central, creada em 1888, que foi substituida por uma *comissão central* composta de um presidente e de seis membros nomeados por proposta dos tres ministros interessados.

(Continua.)

R. A.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Parte official

GUARDA

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Dr. Sebastião de Moraes D.^{mo}
Presidente da 10.^a filial da *União dos Atiradores Civis*.

Incluso remetto a V. Ex.^a o mappa illucidativo da instrução recebida pela filial dos atiradores que V. Ex.^a tão dignamente preside.

E' quanto ser pode satisfatorio o resultado obtido.

Tendo, pelos regulamentos vigentes findado este anno a instrução de tiro, cumpre-me, primeiro que tudo agradecer aos illustres consocios a maneira devers captivante como procederam durante o periodo d'instrução.

E' crível que uma ou outra vez tivesse que fazer alguma observação porque a responsabilidade e obrigações como director da carreira me impunham o dever de illucidar todos em tudo que estivesse ao meu alcance; não só relativamente á instrução de tiro, como tambem, prevenindo qualquer incidente mostrar as leis e regulamentos da carreira.

Da parte de todos os consocios fui sempre atendido com a maior deferencia.

A instrução não foi com a regularidade que

era para desejar, sendo, a meu vêr, os principaes motivos as faltas existentes na carreira e os dias em que a instrução era ministrada.

A primeira causa tenho-me esforçado em annullar pedindo varios melhoramentos que a boa vontade do Ex.^{mo} coronel Franco tem acolhido da melhor forma.

Um abrigo para marcadores completamente novo; muros de supporte para os para-balas formando um caminho coberto, permitindo, ainda mesmo debaixo de fogo, transitar do abrigo para a casa da carreira; renovo de material e principalmente um telephone do melhor auctor conhecido, tudo concorrerá para que na futura epocha a instrução seja methodica e mais regular.

No relatório que entreguei ao Ex.^{mo} Sr. coronel fiz vêr o inconveniente que ha n'esta localidade, de só nos domingos e dias santos haver instrução do tiro civil, propondo para que haja tambem n'um dia de semana.

Relatei tambem o resultado obtido pela 10.^a filial devido, sem duvida, á illustração e voluntariedade de todos os dignos conciosos, porque a instrução não foi com a regularidade que era para desejar por motivos estranhos á minha boa vontade.

Outrosim propuz para que a instrução do tiro civil fosse em tudo equal ao tiro militar (embora lhe seja tambem facultados outros alvos) devendo a dotação ser de 95 cartuchos assim como os atradores que este anno obtiverem percentagem superior a 40 % passarem na proxima epocha á 2.^a classe.

Estas minhas propostas creio que, para aumento e prosperidade da 10.^a filial, que V. Ex.^a tão dignamente preside, deveriam ser secundadas por V. Ex.^a perante a séde da União, para assim augmentar o gosto e desenvolvimento do tiro n'esta localidade.

Reiterando os protestos do meu reconhecimento para com V. Ex.^a e Ex.^{mos} socios creiamos V. Ex.^a sempre ao seu dispor e de toda a filial.

Guarda, 9 de Novembro de 1901.

O DIRECTOR DA CARREIRA

Antonio Candido de Mendonça Furtado de Menezes Pinto

Capitão de infantaria 12

Não publicamos, por falta de espaço, o mappa estatístico que acompanhava a remessa d'este documento, mappa em que se accusa as magnificas percentagens obtidas.

ARTES & LETRAS

HISTORIA

O EXERCITO E A PATRIA

XXVII

Coolella

A campanha de 1895, em que rapidamente se aniquillou o apregoado poderio do temível potentado de Gaza, e em que os nossos soldados bateram n'uma serie de não interrompidas victorias os mais bellicosos e atrevidos guerreiros d'Africa Oriental, os famigerados vatuas, provou que o nosso povo conserva as viris qualidades que nas campanhas do seculo xvii lhe firmaram a independencia e na guerra peninsular lhe deram um logar distincto.

N'essa rude campanha africana onde alguns nomes ficaram illustres, em que se glorificaram dois heroes, cuja perda a patria hoje lamenta, Caldas Xavier e Mouzinho, os soldados portuguezes soffreram heroicamente os rigores do clima, que a falta de conforto mais asperamente fazia sentir, arrostaram impavidos as arremetidas ferozes dos negros, que, selvagens bravios, tambem atacam e se defendem com nobre valentia.

A columna enviada a accometter o Gungunhana no seu curral soffreu, durante a marcha, verdadeiras calamidades. Havia deficiencias em tudo, no serviço sanitario, no serviço administrativo, no serviço de transportes; nem parecia d'uma nação já de seculos possuidora de vastas colonias tanta ignorancia, tantas faltas. A tudo suppria a firmeza energica, a providencia

dos officiaes, a coragem e resignação dos soldados.

Supportaram marchas penosas, longos mezes d'inacção doentia, a arma no braço, e, como diz no seu relatório um dos mais distinctos officiaes que fizeram essa campanha, soffreram callados e pacientes primeiro em bivaque, depois em acampamento, as cacimbas d'agosto, as ventanias de setembro, o calor d'outubro, faltando-lhe muitas vezes o vinho, a alegria do soldado, o pão, seu alimento por excellencia.

Em Chicomo ardeu-lhes o barracão em que se aquartelavam, ficando sem viveres, sem medicamentos, sem ferramentas. O heroismo de dois officiaes, salvou-lhes a polvora. Quando depois d'alguns mezes de immobildade vigilante, sob a ameaça d'um inesperado ataque chegou a ordem de marchar contra o inimigo, os doentes dos hospitaes da Cruz Vermelha quizeram pôr-se em marcha tambem, manifestando muitos tamanho ardor que o commandante lhes dava alta contra a vontade dos medicos e aquelles homens, que nunca tinham ouvido zahir as balas, nem conheciam o sinistro brilhar das azagaiaes, alcançaram dentro em poucos dias a victoria de Coolella.

Eram pouco mais de 500 europeus, já enfraquecidos pelas febres, levando quasi igual numero de bisonhos auxiliares, e bateram-se contra mais de 10:000 vatuas que definitivamente derrotaram. Commandava-os o coronel Eduardo Augusto Galhardo.

Ao romper do sol do dia 7 de novembro de 1895 a *impi* vatuava avançou contra elles audaciosa, e foi recebida por uma descarga que partiu de todas as faces do quadrado. Os negros abrigados pelo capim romperam tambem vivamente o seu fogo, e n'um instante tivemos fóra do combate 10 homens. Ao fogo violento dos negros respondeu a artilheria, elles porém, intrepidos, avançaram formidaveis contra nós, e as descargas firmes dos soldados abriam ruas na sua massa compacta e cerrada. Durou o combate quarenta minutos. O major Machado, hoje coronel de infantaria I, ficou ferido aos primeiros tiros, ficaram tambem feridos o chefe d'estado maior, capitão Costa, e o alferes Costa e Silva. O cavallo de Mousinho morreu debaixo d'elle, foi alcançado por duas balas o do coronel que, serenamente, impassível, commandou toda a acção.

Os soldados, firmes como veteranos, tiveram 5 mortos e 21 feridos; alguns d'estes continuavam no seu posto sem pensarem em tratar-se, outros, apenas pensados, voltavam logo a pegar nas armas.

O inimigo fugiu com immensas perdas. Pelo estado grave d'alguns feridos demorou-se a columna tres dias em Coolella, mas quando no dia II foi ordenado continuar-se a marcha sobre Manjacose, a séde do poderoso regulo, feridos e doentes sahiam das ambulancias, voluntariamente promptos a marchar, impacientes por novos combates.

Tomaram os seus commandos o major Machado e o Alferes Costa e Silva, o chefe d'estado maior, logo a cavallo, se occupou das funcções a seu cargo; quem pensava em si quando era necessario o concurso de todos?

Com justiça o coronel Galhardo telegraphava ao commissario regio:

«Taes officiaes e soldados são o orgulho dos chefes que tem a honra de os dirigir, exaltam o seu Paiz e o seu Rei e bem merecem da Patria.»

RIBEIRO ARTHUR.

Os papeis de meu pae

Não é facil escrever dos queridos. O coração atraçoa a imparcialidade, de que não é fiador completo já a rasão. A inconsciencia leva a desculpar o mal e a exagerar o bem, quando a reflexão procurando corrigi-la, do mesmo modo a não faz pender para o lado opposto, convertendo em injusta diatribe o desculpavel panegyrico.

De um pae extremoso seria impossivel ao filho — por elle animado de equal affecto — arriscar a memoria em conceitos que, longe sempre da verdade, n'um caso a poderiam tornar ridicula, e no outro a fariam, de certo, odiosa.

Por este motivo — e sabe Deus, se não mais para poupar-me ao desengano do mallogro, por incapacidade minha, do plano que primitivamente concebera de realçar a sua figura n'um quadro historico da sua epocha — preferi que fosse meu pae, quem franca e singelamente se revelasse por meio dos proprios apontamentos da sua vida.

Publicando-os, eu, accrescentados apenas com o indispensavel da minha lavra para completar, no que o deixasse difficiente o laconismo natural d'esses escriptos, o conhecimento da sua pessoa e dos acontecimentos em que elle tomou parte, offereceria assim ao leitor um subsidio para a historia do meu paiz, mais proveitoso, do que seria aquelle meu estudo.

São, pois, esses papeis de meu pae que, subordinados a este plano eu lanço, por ordem chronologica, á publicidade no *Tiro Civil* que tão benevolamente me tem franqueado sempre as suas columnas.

A sua reunião, em separada e mais ordenada obra, additados com outros documentos a mais da sua herança, que os esclarecem sobre as occorrencias militares e politicas de seu tempo, dependerá do que a isso me animar o acolhimento feito á especie de ensaio por mim tentado agora.

Começam os apontamentos de meu pae pelo que eu chamarei o seu jornal. São o registo dos acontecimentos do dia que d'isso julgou dignos.

Comprehendem os periodos mais activos da sua vida militar desde 1823 a 1837.

Expedição á Bahia (1823); Estada em Campo Maior (1826-1827); Movimento liberal, e emigração para Galliza, França e Inglaterra (1828); Expedição á Terceira, e posse das outras ilhas dos Açores (1828 a 1832); Desembarque no Mindello, cerco do Porto, linhas de Lisboa, e Convenção de Evora-Monte (1833-1834); são epochas que fariam outros tantos capitulos d'esse jornal — se d'elle pretendesse formar um livro. Outro capitulo em seguida, poderia ser o da epocha que vae de 1834 até 1837, a qual comprehende — pelo mesmo modo anotado — o periodo da sua commissão em Hespanha de adjunto ao Estado Maior General das tropas da Rainha, na guerra contra D. Carlos.

Todos estes capitulos, pela fórma, quasi diaria, dos apontamentos, e pela feição característica dos factos a que se referem, constituiria bem a primeira parte d'esse supposto livro.

I

Eram tempos de guerra ainda. Havia terminado a lucta armada pela independencia da patria, e já esta cuidava em se oppôr, pela força, á separação que pretendia adquirir o Brazil para formar patria tambem independente.

Estava o espirito de liberdade que, em todos os tempos, agitou os individuos ou

as suas aggremações, exaltado com as formulas pelas quaes, se pretendera, não sem sangue, assegurar a sua mais facil e geral implantação no regimen governativo dos povos. Transigiam de facto com as ideias modernas, os que reuniam em si os poderes absolutos do Estado. Viam que, se pelo rei e pela patria havia quem sacrificasse ainda a vida, não deixava de haver quem mais voluntariamente a expozesse pelo que era considerado a libertação, de cada um e de todos, do que chamavam: despotismo.

Apresentara-se, entretanto, essa outra formula chamada liberal — para se tornar mais facil na acceitação — com que pela constituição politica se estabelecia, á sombra da liberdade e para conservação dos thronos, o pacto entre estes e os que, hontem, subditos, passaram a ser cidadãos — como os da antiga Roma, para nada novo haver sobre a terra.

Deviam invadir e invadiam na realidade, estas ideias generosas todas as classes da sociedade; e assim, o soldado, só por dever da profissão, e respeito á fé jurada poderia contrariar o manifestarem-se. O interesse cedia-lhes até o passo, e a paixão partidaria considerava cegos os que as não professavam. Era effectivamente seductora a miragem d'essa sempre nova redempção da condição humana.

Entre os novos, e nas escolas, seria, como sempre, maior a illusão; e pelos conventículos, que minavam a mocidade irradiaria mais facilmente.

Nem os estudiosos — ou menos ainda elles — fugiriam do seu encanto.

Mas a ambição, justa, da superioridade persistirá sempre na terra para destacar da massa dos que, vencidos, tem de se resignar á humidade, os que julgando-se com meritos para se afortunarem ás grandezas, se abalançam a conquista-las.

D'este numero, e já com aquelle sentir e pensar, moderado mais pela bondade e pela reflexão — qualidades suas innatas — do que pelo temperamento, cuja ardência só applicaria á acção, deveria ser o alferes de caçadores I, que aos 21 annos de idade embarcava para a Bahia.

Do Collegio Militar, e com o curso da Academia Real de Marinha, em que fóra premiado, interrompia o da Academia de fortificação — que frequentava e onde igualmente tivera premios, — para tomar parte na expedição.

Por haveres só tendo o soldo, e por nobresa unica a espada; sem protecção, que mal podia grangear-lh'a seu pae, tenente, apenas, da Companhia de Pontoneiros da artilheria da cõrte; ia encetar a vida com aquelle não farto cabedal de sciencia.

Animal-o-hia a fé guerreira, que o espirito da epoca, a tradição da familia, toda de soldados, tornavam mais viva; sentiria a consciencia do seu valor; a confiança na sua força physica; e confiaria, sobretudo, como portuguez, que era na alma e no feitiço, na sina que favorece a aventura.

Sympathico e atrahente, de distincto porte, que a elevada estatura realçava; de maneiras affaveis, correspondentes á bondade de coração, teria ainda o seu fóro intimo a segredar-lhe que esses dotes, mais devidos á natureza do que á arte, rompem mais facilmente estorvos do que aquelles em que impera a força e o saber: mesmo quando auxiliados por essa outra força suprema, a da vontade.

Não lhe escasseava esta tambem, e com ella abria resoluta a porta do destino, certo do futuro, como o attestava o proprio inicio do seu jornal.

E' como segue o jornal d'esse primeiro periodo da sua vida publica: periodo em

que o espirito deveria experimentar já a difficuldade em conciliar os seus sentimentos liberais com o que, elle entenderia, na independencia ou não do Brazil, mais convir aos interesses da patria que estremeçia.

(Continua)

E. MONTUFAR BARRETIROS.

BIBLIOGRAPHIA

O TIRO NACIONAL

Acaba de se publicar entre nós, e já se encontra á venda nas principais livrarias de Lisboa e Porto, um interessante estudo intitulado *O Tiro Nacional* e devido á penna do distincto official do nosso exercito o sr. tenente de infantaria David Augusto Rodrigues.

N'esse livro, de caracter patriótico, encontra todo o portuguez indicações preciosas e licções frisantes, como pela ennumeração dos capitulos se póde ajuizar.

INTRODUÇÃO — I — *Organização das sociedades de tiro em Portugal.* II — *O tiro no estrangeiro.* III — *Os boers e o tiro.* IV — *Guerra de guerrilhas.* V — *A primeira invasão franceza e o tiro nacional.* VI — *Os exercitos permanentes.* VII — *A guerra, o dever militar e o caracter d'um povo.* O preço é de 600 réis e os pedidos devem ser feitos á administração de *O Tiro Civil*.

Os assignantes d'esta revista teem abatimento nos seus pedidos, que serão promptamente satisfeitos, logo que venham acompanhados da respectiva importancia.

ESTUDO HISTORICO

Sob o titulo *Pedrouços* começou o sr. Francisco Simões Ratolla, a publicação de uma monographia historica e descriptiva d'essa risonha praia que fica a dois passos da capital e que todos nós conhecemos. O livro do sr. Ratolla está ainda em via de publicação, mas, do primeiro fasciculo que já está impresso e que temos presente, vê-se bem que a obra será muito completa e cuidada. E' um trabalho de paciente investigação, bastante documentado e com o qual o sr. Ratolla rendendo, como elle diz no prefacio, uma homenagem á sua terra natal, presta igualmente um bom serviço ás letras patrias desenterrando de archivos ignorados, documentos historicos de alto valor.

O fasciculo que já está publicado insere alem do prefacio, dois capitulos que se intitulam: *Logar de Pedrouços e Torre de Belem*; em ambos elles revella o sr. Ratolla um aturado estudo e são criterio.

Aguardamos a continuação da obra para d'ella falarmos com mais desafoço, felicitando desde já o sr. Ratolla pela sua louvavel iniciativa.

EDUCAÇÃO PHYSICA

R. I. L.

No dia 28 do mez findo foi inaugurada a aula de gymnastica no *Real Instituto de Lisboa*. Mais um passo no caminho da regeneração physica da futura sociedade portugueza.

A inauguração foi feita, com uma conferencia, pelo nosso amigo e habil professor de gymnastica da *Escola Normal de Lisboa* o sr. Pedro José Ferreira.

O illustre professor ao abrir a aula de gymnastica expoz o seu processo de ensino; quiz assim dizer aos paes d'esses alumnos que gymnastica seria applicada n'aquella aula.

Começou por classificar as diferentes especies de gymnastica em uso para o que apresentou o seguinte mappa:

GYMNASTICA:

Medica (com o fim principal de desenvolver harmonicamente o individuo).
Profissional (com o fim principal de adestrar o individuo para o mister a que se destina).

A MEDICA:

Hygienica (applicada ao individuo são).
Therapeutica (applicada ao doente).

A HYGIENICA:

Escolar ou *Pedagogica*, para adultos.

A THERAPEUTICA:

Orthopedica (applicada a doenças de construção).
Clinica (a doenças de constituição).

A PEDAGOGICA:

Infantil (dos 3 aos 6 annos).
Primaria, 1.º grau (dos 6 aos 9); 2.º grau (dos 9 aos 12).
Media (dos 12 aos 16).
Superior (dos 16 aos 25).

A PROFESSIONAL:

Normal (compativel com a harmonia funcional).
Anormal (incompativel com a harmonia funcional).

A NORMAL:

Technica (militar, de bombeiros, de marinheiros, etc., etc.).
Artistica (scenica e mimica).

A ANORMAL:

Acrobatica (ou funambulesca).
Athletica (ou de grandes esforços).

A PEDAGOGICA — Elementos:

Exercicios de ordem, attitudes taes como de repouso, d'acção, respiratorios, etc., etc. Movimentos simples (segundo os agrupamentos musculares);

Exercicios (Articulares, respiratorios, musculares, circulatorios, pelvicos, etc., etc.; de agilidade, de força, de precisão, de tacto, etc., etc. de natação, etc.; jogos (portuguezes) (infantis, primarios, medios, superiores); excursões (infantis, primarias, medias e superiores).

Depois de muitas considerações, exemplos e factos occorridos a que se prestavam as diferentes secções do mappa terminou por dizer que a gymnastica sueca essencialmente therapeutica servia de base á nossa gymnastica pedagogica e que era d'esta que se teria de occupar e a que adoptaria no *Real Instituto de Lisboa*.

O illustre professor e nosso amigo teve uma palavra facil e expoz com clareza. Convem notar que é a primeira conferencia sobre educação physica feita por um professional.

A sala estava cheia e o distincto orador foi muito applaudido.

E. N. N.

Tem continuado com toda a regularidade os trabalhos para a organização d'esta tão util quanto prestimosa instituição de educação physica, a *Escola Nacional de Natação*.

A matricula está aberta desde já na séde da nossa redacção, rua do Crucifixo, 19, 1.º onde se fornecem todos os esclarecimentos pedidos. As licções em secco devem começar no proximo mez de abril.

ESGRIMA

Centro Nacional de Esgrima

A *Escola Nacional de Esgrima* fundada e dirigida pelo nosso amigo e distincto mestre d'armas o sr. Antonio Pinto Martins, transformou-se em uma associação com o nome de *Centro Nacional de Esgrima*.

A nova associação obteve do governo a cessão do salão nobre do *Real Theatro de S. Carlos*, o que a colloca em excepçionaes condições de vida, pela magnifica instalação e pelas condições economicas de não pagar renda de casa nem contribuições.

As condições do contracto firmado com o governo são as seguintes:

1.º O ministerio do reino cede ao *Centro Nacional de Esgrima* o salão do *Real Theatro de S. Carlos*, com os seus annexos, compostos de um pequeno cubiculo e terraço contiguos, para a instalação do mesmo centro.

2.º Fica o *Centro Nacional de Esgrima* obrigado a restituir o salão mencionado com os seus annexos em perfeito estado de asseio e conservação.

3.º O *Centro Nacional de Esgrima* obriga-se a facultar gratuitamente a sua sala d'armas e a frequencia das suas salas de esgrima e gymnastica sueca, methodo Ling, a todos os officiaes do exercito e da armada.

4.º O centro obriga-se mais a organizar cursos especies de esgrima e gymnastica sueca, para preparação de instructores destinados ás escolas dependentes do ministerio do reino.

5.º Será elaborado um regulamento especial para os fins indicados, o qual será submettido á aprovação do governo.

6.º No caso do *Centro Nacional de Esgrima* se affastar por qualquer forma do que taxativamente é estabelecido nas condições d'este contracto, o governo fica com direito de rescindilo immediatamente.

Este contracto foi assignado, por parte do governo, pelo sr. conselheiro Abel de

Andrade, digno director geral de instrucção publica, e por parte da nova aggre-miação por tres delegados d'esta.

No dia 3 do corrente pelas 4 horas da tarde, reuniu a assembléa geral do C. N. E. no salão do theatro de S. Carlos e elegeu os seus corpos gerentes que ficaram compostos pela fórma seguinte:

DIRECÇÃO

Conselheiro L. A. Pimentel Pinto, presidente — conselheiro E. Montufar Barreiros, vice-presidente — conde de Sabrosa, thesoureiro — condes de Paço do Lumiar e de Figueiró, secretarios — Fernando de Serpa Pimentel e Antonio Augusto Duval Telles, vogaes — Carlos Roma do Bocado, dr. Carlos Pinto Coelho, Luiz Furtado Coelho e Antonio R. da Fonseca, supplentes.

CONSELHO FISCAL

Tenente coronel de engenharia Antonio Sociero; major de engenharia Antonio da Fonseca Sarmento e dr. Daniel Filippe dos Santos — supplentes: Nuno Queriol e Delphin Monteiro.

A esta sessão presidiu o nosso estimado amigo e collaborador o sr. conselheiro Montufar Barreiros, secretariado pelos srs. drs. Daniel F. dos Santos, Luiz Furtado Coelho, Antonio R. da Fonseca e Luiz P. Martins.

Felicitemos os organisadores da nova aggre-miação e, vimos com satisfação, a protecção que o governo lhe concedeu; outras sociedades ha, com larga folha de serviços á regeneração physica do paiz, que tem sido, até hoje, completamente esquecidas pelos poderes publicos.

CYCLISMO



União Velocipedica Portuguesa

Publicações officiaes

Senhor presidente. — Tenho a honra de lhes enviar junto, a ordem do dia do IV Congresso da U. C. I., que terá lugar em Paris, sabbado 29 de março, ás dez horas da manhã, na séde da União Velocipedica da França, 6 Boulevard dos Italianos.

Fóra das questões dadas para ordem do dia, os estatutos (art. IX) permitem a discussão de todas as propostas apresentadas por tres federações.

Obsequiar-me-hia avisando-me se se pode contar com a presença de um delegado da U. V. P. no Congresso.

O secretario da U. C. I.

MARIO BRUZZONE.

Ordem do dia do Congresso da U. C. I.

1.º Acta do III Congresso realizado em Berlim em 8 de julho de 1902.

2.º Relatório financeiro dos Campeonatos do mundo de 1901, apresentado pelo Verband Deutscher V�renubauhe.

3.º Propostas apresentadas no ultimo Congresso de Berlim e cuja discussão ficou reservada para o Congresso de 1902.

(a) Na divisão dos lucros dos Campeonatos do mundo, os corredores estrangeiros que habitarem no paiz que organisa os campeonatos são considerados como corredores d'este paiz? (Proposta da Nacional Cycling Association.)

(b) Nos paizes onde existe uma federação filiada na U. C. I. só os corredores designados por esta federação poderão participar nos campeonatos do mundo. Nos paizes não filiados, os corredores deverão pedir auctorisação á secretaria da U. C. I. (Proposta da União Velocipedica de França.)

(c) Cada delegado não póde representar senão uma federação (Proposta da União Veloc. Italiana).

4.º Regulamentação do treinamento por moto-cyclettes.

5.º Reclamações.

(a) Da União Velocipedica de França contra

a multa imposta ao corredor Huret pelo Verband Deutscher Radrenuhahneu.

(b) Do Verband Deutscher Ra irenuhahneu contra a multa imposta aos corredores Hubert e Seidl pela União Velocipedica de França e d'esta ultima federação contra o V. D. R. que não fez observar a punição referida.

(c) Da federação Cyclista Argentina contra a decisão do Congresso de Berlim reconhecendo a União Velocipedica Argentina como o unico puer sportivo d'este paiz.

6.º Ractificação da decisão urgente tomada pelo Comité director da U. C. I. annullando, segundo reclamação da União Velocipedica Portuguesa, o Campeonato de Portugal 1901 corrido sob, a protecção da União Velocipedica Hespanhola.

7.º Data do 5.º Congresso da U. C. I. e programma dos campeonatos do mundo.

O secretario, BRUZZONE.

Representação

Senhores Deputados da Nação Portuguesa. — A União Velocipedica Portuguesa, federação de associações legalmente instituida para dirigir e proteger o cyclismo nacional vem novamente representar perante esta illustre camara, contra a pesada tributação a que está sujeita a velocipedista em Portugal.

Quando em todos os paizes do mundo se facilita a pratica d'esse exercicio physico, no nosso paiz tem-se ido dificultando cada vez mais: augmentando exaggeradamente o preço das licen-



Rodolpho Vieitas Costa

Distincto sportsman e fundador do Sport Club Viannense.

ças, mantendo um imposto de importação injustificavel, apertando emfim com formalidades impertinentes, inclusivé a entrada de machinas de excursionistas e corredores que visitam o nosso bello paiz que queiram vir gosar a amenidade d'este clima privilegiado, a belleza da paisagem dos nossos campos, os encantos naturais da nossa terra.

O resultado d'este injustificavel regimen é que a velocipedista entre nós vive acanhadamente, cheia de difficuldades e de obices, quando em todos os paizes prospera e augmenta.

As exigencias do fisco a começar na importação de bicycletes, são verdadeiramente inaceitaveis e inexplicaveis. Até agora a taxa aduaneira sobre a importação de taes machinas era de 27 % *ad valorem*; sua ex.ª o sr. ministro da fazenda na proposta de lei que ha dias apresentou a esta camara, tendente a alterar a pauta das alfandegas propõe que cada velocipe de importado pague a taxa aduaneira fixa de 20\$000 réis e cada quadrante para os mesmos, 10\$000 réis.

A alteração que á primeira vista poderá parecer que vem beneficiar este ramo de commercio, em nada ou quasi nada modifica, o que até agora estava estatuido, pois que sendo a nossa principal importação de bicycletes chamadas populares, que custam em França entre 100 e 150 francos e na America 15 e 18 dollars, o imposto de 27 % *ad valorem* dá menos do que os 20\$000 réis que o sr. conselheiro Mattoso dos Santos agora propõe. As machinas a que a nova taxa poderia aproveitar seriam as bicycletes de luxo, mas a importação d'essas, é quasi nula.

O triste resultado da absurda tributação a que o Estado e o municipio tem sujeito a velocipedista em Portugal, provam-o com os seguintes dados colhidos nas estatisticas officias.

Tendo começado a vigorar em 1895, a postura que regula o transitio de bicycletes em Lisboa, o rendimento de 198 licenças que foram tiradas n'esse anno foi de 396\$000 réis, e continuou subindo até 1898, anno em que se passa-

ram 616 licenças que produziram para os cofres do municipio 1.714\$000 réis. Foi em 1898 que a velocipedista entre nós; chegou ao apogeu; foi o seu periodo aureo. A importação attingiu o maximo grau; o imposto respectivo rendeu na alfandega de Lisboa 9.174\$870 réis e na do Porto 1.352\$295 réis.

No anno seguinte entrava em vigor a lei e o respectivo regulamento da contribuição sumptuaria e do sello. O rendimento aduaneiro desceu consideravelmente. Só na alfandega de Lisboa diminuiu 6.840\$725 réis. O rendimento das licenças passadas pelo municipio baixou n'esse anno a 358\$000 réis, no seguinte a 242\$000 réis e no anno ha pouco findo a 268\$000 réis.

O sport velocipedico, começou a decahir rapidamente. E a razão detalhada é esta: os velocipedistas que até 1898 tinham de pagar apenas a importancia da licença, nos municipios onde ella era exigida, foram obrigados a pagar ao Estado 2\$000 réis de contribuição sumptuaria, 1\$500 réis de imposto de sello, e mais 807 réis de varias percentagens, o que tudo prefaz a somma de 4\$307 réis; isto nas terras onde as camaras municipaes não exigem licença, porque nas outras ha ainda a accresciment mais essa verba que é variavel.

Assim, por exemplo, em Lisboa, aos 4\$307 réis que o cyclistista tem de pagar ao Estado, ha ainda a accresciment 2\$600 réis, que tanto custa a licença municipal. D'est'arte o cyclistista da capital para poder andar em bicyclette paga a bonita quantia de 6\$907 réis.

As licenças para andar em velocipepe custam em Portugal mais caras do que em nenhum outro paiz.

Em França, por exemplo, a taxa cyclistista que primeiramente era de 10 francos annuaes, foi reduzida em 1899 a 6 francos, o que fez elevar o numero de cyclististas d'este paiz, só n'um anno, de 483.414 a 838.850.

Na Belgica pagam-se 4 francos e em Inglaterra 1 1/2 schelling.

O regimen tributario sob que tem vivido a velocipedista em Portugal, não aproveita portanto nem aos municipios nem ao estado.

Ganhará porventura a industria nacional? Também não, pois que no paiz não se fabricam hoje bicyclettes. Houve, é certo, em Lisboa, a fabrica nacional de velocipedes *Humber*. Hoje, porém, tal officina não existe porque a companhia falliu; não ha privilegio, caducou a patente concedida.

Onde estão, pois, os interesses a salvaguardar? Onde está a industria a proteger? Onde o motivo que justifique os 27 % *ad valorem* ou as novas taxas propostas por s. ex.ª o sr. ministro da fazenda?

Nada ha, srs. deputados, que justifique tal exagero que, como fica demonstrado não utilisa nem ao estado, nem aos municipios, nem á industria, nem ao commercio, nem ao sport.

Mas a a rede apertada do nosso fisco, não contente com o pesado tributo sobre os velocipedistas portugueses e sobre os velocipedes importados, quer ainda prender nas suas estreitas malhas, os excursionistas e os corredores que venham a Portugal.

Em paiz nenhum, senhores, se exige hoje que as bicyclettes em transitio paguem direitos de entrada. Na França, na Belgica, na Hollanda, basta a simples apresentação do bilhete de identidade ou da licença de corredor passadas pela união velocipedica do paiz a que o velocipedista pertencer, para que a sua machina seja isenta do pagamento de direito. Isto mesmo succede até na vizinha Hespanha.

Na fronteira portugueza, para tal se conseguir, são tantas as formalidades a cumprir, taes as exigencias das alfandegas que desanimam e enfatiam o mais paciente *tourist*.

Senhores Deputados da Nação Portuguesa, a União Velocipedica, em virtude do que deixa succintamente exposto pede-vos:

1.º Que a contribuição sumptuaria e imposto do sello sobre velocipedes seja abolida e que o custo da licença para os velocipedistas não vá além de 2\$000 réis, em todo o paiz, sendo o lançamento e fiscalisação d'este tributo feito pelos municipios que receberão uma parte da quantia fixada, com a prohibição expressa dos mesmos municipios lançarem, a qualquer pretexto, nova contribuição sobre os referidos cyclististas.

2.º Que a taxa aduaneira sobre os velocipedes importados seja de 10\$000 réis sobre cada machina e de 6\$000 réis sobre cada quadrante.

3.º Que as bicyclettes em transitio, pertencentes a excursionistas ou corredores que entrem as fronteiras de Portugal, sejam livres de qualquer direitos, mediante a apresentação do bilhete de identidade licença passada pela União Velocipedica do paiz a que o velocipedista pertencer, ou de qualquer outro documento edoneo.

A União Velocipedica Portuguesa em nome das seguintes associações suas filiaas: Real Club Velocipedista de Portugal (Lisboa), Velo

Club de Lisboa, Sport Club de Lisboa, Racing Club de Portugal (Lisboa), Sport Club Vianense (Vianna do Castello), Gymnasio Setubalense (Setubal), Grupo Velocipedico Leiriense (Leiria), Cyclo Club Caldense (Caldas da Rainha) — confia na justiça do exposto e espera ser atendida.

Lisboa, 3 de março de 1902.

Pela U. V. P.

O Presidente, *Conde de Caria, Bernardo.*

Extracto das actas

Sessão em 4 de março de 1902

Presidencia do sr. Anselmo de Sousa. Foram approvados socios os srs. José Lopes do Casal Moreira, Arthur da Rocha Trindade, João José Trindade e Antonio Ferreira.



Dr. Alexandre de Souza Carneiro

Presidente da assembleia geral do Cyclo-Club Caldense

O sr. Carlos Callixto propoz que fosse encarregada a comissão de sport de organizar em Lisboa, no proximo mez de abr., provas de 50 kilometros, em estrada, e no mez de maio, provas de 100 kilometros. Foi approvedo.

Tambem foi approvedo que a comissão de sport, auxiliada pelos delegados do Real Club Velocipedista, Sport Club e pelos srs. Gomes Leite, representando o Velo Club de Lisboa e Carlos Callixto, pela direcção da União Velocipedica — proceda á revisáo do regulamento de corridas da mesma União, conforme foi resolvido no congresso de 6 de fevereiro.

Esta comissão instalar-se-ha e começará logo os seus trabalhos, na proxima quarta-feira, effectuando-se as sessões na sede da União.

Foi tambem approvedo que o sr. João Anastacio Gomes, vogal da direcção, vá felicitar em nome da mesma, o sr. Malaquias de Lemos, vicepresidente do Conselho Permanente da União, por ter sido nomeado commandante das guardas municipaes, e que se agradeça ao sr. Alvaro Ferreira de Lima, delegado na Figueira da Foz, a visita que fez á sede da União.

Na ordem da noite, o secretario fez a leitura da nova representação que deve ser entregue á camara dos deputados.

Sessão em 11 de março de 1902

Presidencia do sr. José Anastacio Gomes.

Foram approvados os seguintes socios: Luiz Augusto da Costa Barros, Albano de Moraes Lobo, Antonio da Costa Junior, José Borges da Gama Junior, Bernardo de Sousa Telles, Omar Agi Jacob, Aggripino Annibal Lopes Antunes Garcia, Francisco Manoel Araujo, Luiz de Montebello d'Almeida Maia, Antonio Carlos Ribeiro Alves, Francisco de Paula Sequeira Barreto, Julio da Costa Santos.

Foram nomeados delegados: em Thomar, o sr. Francisco Vizeu Pinheiro Junior; em Carregal do Sal, o sr. Bernardo de Sousa Telles e em Mortagua o sr. Albano Moraes Lobo.

O sr. Carlos Callixto participou que no ultimo sabbado fôra com o sr. conde de Caria, á camara dos deputados, entregando ao sr. dr. Abel d'Andrade, a representação da União contra as propostas do sr. ministro da fazenda que affectam os interesses dos velocipedistas e da velocipedia. Mais informou de que na conferencia com o sr. D. Luiz de Castro que fora encarregado pela comissão administrativa municipal para se entender com a União, acerca de uma nova postura sobre o transito de bicyclettes em Lisboa; ficou accente que a União formulará um projecto de postura o qual será apresentado.

O sr. João Anastacio Gomes participou que no cumprimento da missão de que fôra incumbido, visitara o sr. coronel Malaquias de Lemos, vice-

presidente do conselho permanente da União, a quem felicitou por ter sido nomeado commandante das guardas municipaes.

Foram lidos varios officios de delegados da União ficando resolvido que este anno se realizem provas de 50 e 100 kilometros em varias terras do paiz taes como: Vianna do Castello, Lisboa, Evora, Estremoz, Caldas da Rainha, Leiria, Figueira da Foz, São Thiago de Cacem, etc.

O sr. Magalhães Peixoto apresentou tres propostas que serão discutidas na ordem da noite da proxima sessão.

O SECRETARIO — *Carlos Callixto.*

Orçamento da União Velocipedica Portuguesa para o anno de 1902

Receita provavel:

Saldo de Caixa em 31 de dezembro de 1901.....	94\$300	
Saldo de deposito no Banco de Credito Nacional.....	18\$710	113\$010
Quotas de 409 socios existentes.....	490\$800	
Quotas de mais 150 socios que devem entrar neste anno.....	180\$000	670\$800
Venda de 150 emblemas....	75\$000	
	<u>85\$8810</u>	

Despeza provavel:

Importancia de 150 emblemas.....		56\$700
Premios do Campeonato de Portugal e mais corridas	200\$000	
Renda de casa.....	100\$000	
Ordenado a um amanuense	96\$000	
Despezas de expediente....	60\$000	
Commissões de cobrança....	50\$000	
Diversos impressos.....	40\$000	
Representação official da União em diversas festas.	80\$000	
Boletins.....	40\$000	
Saldo para 1903.....	136\$110	
	<u>85\$8810</u>	

Approvedo em sessão da direcção em 28 de janeiro de 1902.

Conde de Caria Bernardo, Anselmo de Sousa, Carlos Callixto, Antonio de Magalhães Peixoto, Costa Campos.

Balancetes mensaes

JANEIRO

Receita:		
Saldo de 1901.....	94\$300	
Quotas de sociedades filiadas de 1901.....	4\$000	
	<u>98\$300</u>	
Despeza:		
Gratificação ao continuo e despezas de expediente..	24\$775	
Diversas certidões da alfandega.....	5\$400	
Composição, impressão, capas e brochura do relatório	45\$800	
Estampilhas para o mesmo relatório.....	5\$000	80\$975
Saldo para fevereiro.....		17\$325
		<u>98\$300</u>

Lisboa, 31 de janeiro de 1902.

FEVEREIRO

Receita:		
Saldo de janeiro.....	17\$325	
Banco de Credito Nacional		
Cheque neste mez.....	17\$500	
Quotas, recebimentos neste mez.....	46\$800	
Sociedades filiadas, quotas do corrente anno.....	6\$000	
Emblemas vendidos neste mez.....	7\$000	
	<u>88\$625</u>	

Despeza:

Ordenado ao continuo e diversas despezas de expediente.....	23\$910	
Gravuras e clichés.....	3\$130	27\$040
Filiação na União Cyclista Internacional, quota do corrente anno, 50 francos ao cambio de 717.....		11\$950
Percentagens de cobrança neste mez.....	2\$100	
Saldo para março.....	47\$535	
	<u>88\$625</u>	

Lisboa, 28 de fevereiro de 1902.

O THEZOUREIRO, *Antonio de Magalhães Peixoto.*

AUTO VELOCIPEDIA

ECHOS DA QUINZENA

AS ESTRADAS EM PORTUGAL

A direcção da U. V. P. desejando ardentemente organisar, com a devida antecipaço, o programma sportivo para a proxima epoca, officiou a todos os seus delegados residentes em territorio portuguez, em numero de 53, consultando-os sobre a possibilidade de se realizarem na área das suas delegações quaesquer provas em estrada de 50 ou 100 kilometros.

A' secretaria da União tem chegado numerosas respostas áquelle officio e, coisa dolorosa e triste, o que quasi todos dizem é que apesar de toda a sua boa vontade, do seu ardente empenho em bem servir a causa unionista e os interesses do sport, lhes é inteiramente impossivel realizar quaesquer corridas, pois que as estradas estão intransitaveis!

Um delegado, chegou mesmo a participar que na área da sua delegação, o estado dos caminhos é tal que os alquiladores se recusam a alugar carros para determinados pontos, visto que as barrocas são tão profundas e perigosas que os vehiculos se quebram e os animaes se arruinam.

Um outro diz que as diligencias não podem fazer serviço para as povoações limítrophes, porque os correjos abertos pelas ultimas chuvas e as covas que o transito de pesados carros tem aberto, interceptaram as communicações.

Ainda no passado numero do Tiro, o nosso presado amigo e correspondente no Porto, que é um dos verdadeiros e mais apaixonados excurcionistas que conhecemos, dizia coisas de fazer arrepiar os cabelos á cerca do estado das estradas nos arredores da segunda cidade do paiz.

A' cerca do que ahi temos em volta de Lisboa, nem vale a pena fallar. Todos sabemos que não ha um palmo de estrada cyclavel. Pois se nem todas as ruas são transitaveis!

Ora é simplesmente revoltante que n'um paiz onde a velocipedia é tributada como em nenhum outro, os velocipedistas não



Carlos Paniagua e Sanches

Socio e fundador do Club Velocipedico Leiricense

tenham um palmo de estrada para andar; é indigno que n'um paiz onde a capitação é fabulosa, o cidadão não tenha ao menos os caminhos transitaveis.

A quota d'impostos que cada habitante paga em Portugal é de 9\$581 réis. A cima de nós está apenas a França, o que aliaz se explica pelas razões que todos sabemos e, entre outros, a existencia d'um formidavel exercito permanente e uma das primeiras marinhas do mundo.

A quota de impostos que o velocipedista portuguez tem de pagar varia entre 4\$307 e 6\$907 réis. A cima de nós não ha nenhum outro paiz. Em França o velocipedista paga apenas 6 francos, na Belgica 4 francos, em Inglaterra 1 $\frac{1}{6}$ schelling.

Pois a despeito d'isso Portugal é o paiz onde ha peores estradas. A não ser algum cantinho recondito, de pouco transitio, ou algum bocado que interesse a qualquer politico d'alto coturno, tudo mais encontra se no estado mais lastimoso. Dos 12:897.754 kilometros que, segundo os documentos officiaes constituem a nossa rede de estradas reaes e municipaes, não se apura um terso em soffrivel estado, o que não admira desde que attendamos á miseria de 400 contos que o orçamento consigna para a conservação das estradas reaes, e que nem sempre tem essa applicação.

É digam-nos se não é difficil ser cyclistista n'um paiz d'estes e se não é penosa a missão da U. V. n'esta terra onde os governos tão mal cuidam do bem estar do cidadão e onde o *sport* é um exercicio... tributavel e nada mais?!

Entre clubs:

As noticias que nos veem de Leiria e das Caldas da Rainha affirmam-nos de que será uma festa brilhantissima, da mais intima e salutar confraternização a que o Cyclo-Club Caldense realisa no proximo dia 19 em honra do Grupo Velocipedico Leiriense que vae á formosa villa das Caldas, em passeio oferecido ao mesmo club.

Creemos poder affirmar que o programma das festas será este:

Os socios do C. C. irão no dia 19 esperar os seus hospedes do G. V. L. ao limite do concelho das Caldas; depois receber-os-hão em sessão magna seguida de ligeiro *lunch*. N'essa sessão serão distribuidos os diplomas d'honra que a União Velocipedica conferiu aos srs. Eduardo Mafra, presidente do C. C. Amilcar Pinto, director do G. V. L. Angelo Garcia, delegado da União, Honorato Trigueiros e Julio Paramos. Depois serão os excursionistas recebidos em sessão extraordinaria pela camara municipal das Caldas que lhes dará as boas vindas. A's 6 horas da tarde grande banquete, oferecido pelo C. C. ao G. V. L. no hotel *Alliance*.

No dia 20, visita ás fabricas de louça das Caldas e hospitaes, matta etc.; passeio a Obidos e á lagôa; á noite grande baile e sarau.

O sarau constará de poesias, monologos, canções, romansas, etc. pelos srs. Carvalho, Albino, Sousa, Vasques e Eduardo Mafra que dirá a poesia *Saudação*, do nosso querido amigo sr. José Pedro Ferreira, director do «Circulo das Caldas», o sr. Carlos Paniagua Sanchez recitará uma poesia de saudação em nome do grupo leiriense.

Depois do sarau haverá baile que terminará por um grande *cotillon*.

Além d'estas festas organisadas pelo C. C. C. haverá outras de iniciativa particular.

A chegada dos excursionistas tocará a nova philarmonica caldense, e durante o banquete a «troupe» d'occarinistas *Raphael Bordallo Pinheiro*.

O Gremio dos Caixeiros do Commercio, tenciona oferecer ao G. V. uma mensagem em pergaminho bem como diplomas de socios honorarios. Além d'isso aquella collectividade e a sympathica Associação dos Bombeiros Voluntarios, armam dois bellos arcos triumphaes sob os quaes hão de passar os excursionistas.

O regente da nova philarmonica Caldense, o nosso estimado amigo sr. D. Emilio, compoz o hymno do C. C. C. que pela primeira vez será tocado no dia 19 e cuja partitura original será oferecida ao G. V. L.

Temos ainda muitas outras notas sobre as festas, ha ainda muitos projectos em via de execução, mas tudo isso só confirmará o que deixamos dito:—que os velocipedistas leirienses serão brilhantissimamente recebidos, pelos velocipedistas das Caldas.

E agora depois de termos dado em linhas geraes o programma das festas, justo é que prestemos homenagem aos seus organisadores, a Amilcar Pinto, Carlos Paniagua Sanches pelo G. V. L., a Eduardo Mafra, dr. Alexandre de Sousa Carneiro, Angelo Marcellino Garcia, Jeronymo Ludovice pelo G. L.

O *Tiro Civil* já prestou d'outra vez, inteira justiça ao valor e ás brilhantes qualidades dos srs. Eduardo Mafra, Amilcar Pinto, Angelo Garcia:

hoje, presta-a aos srs. Carlos Sanches e dr. Alexandre Carneiro.

O sr. dr. Carneiro é o presidente da assembleia geral do C. C., um caudico distinctissimo, aliado a um caracter immaculado, conta os amigos pelo numero das pessoas que o conhecem. É uma das figuras mais salientes e mais sympathicas das Caldas da Rainha.

Por nossa parte folgamos immenso em prestar esta singella homenagem ao chefe de familia exemplarissimo, ao amigo dedicado, ao caracter e talento de eleição. Folgamos em lhe prestar esta homenagem de gratidão e de justiça, nós que nunca esqueceremos a honra que sua ex.* nos deu accedendo ao convite que lhe fizemos com Eduardo Mafra, para aceitar a presidencia do C. C.

Carlos Paniagua Sanchez é dos socios mais dedicados dos mais entusiasmados do G. V. L. E foi o seu enthusiasmo pelo sport que o G. L. representa, que animou e fez germinar a semente de que sahiu o C. C. C. E-espírito alegre, e prescruador, verdadeiramente dedicado aos seus amigos, é com justiça apreciado e querido em todo o districto de Leiria que elle percorre frequentemente no desempenho da sua profissão de cirurgião dentista que é, dos mais distinctos e dos mais abalisados.

Provas em estrada:

Como já dissemos, no proximo dia 23 realizam-se as primeiras provas em estrada. São organisadas pelo nosso querido amigo e zeloso delegado da União em Vianna do Castello, sr. Luiz Trigueiros.

A partida será de Valença, em frente da estação do caminho de ferro e a chegada, Vianna do Castello, em frente do templo de Nossa Senhora da Agonia.

O presidente do jury será o sr. Antonio Moraes Cerqueira Lima, digno presidente da Camara municipal de Vianna e vogal do conselho permanente da U. V., os outros dois commissarios serão os srs. Manuel Gonçalves Tinoco, tambem vogal do conselho permanente e J. Coelho de Castro Villas Boas, presidente da direcção do Club dos Caçadores de Vianna.

Por informações que recebemos de Vianna, a inscrição tem sido muito concorrida havendo bem fundadas esperanças de que tome parte n'estas primeiras provas d'este anno, o grande corredor e nosso bom amigo José Maria Dionysio, delegado da União em Vizeu.

Quer-nos parecer que a epocha sportiva abrirá este anno com chave d'ouro.

Além das provas de Vianna do Castello, está já accente a realização de outras provas organisadas pelos delegados da União em Evora, Estremoz, Barreiro, Figueira da Foz e Leiria. As de Leiria (Figueira-Leiria) effectuar-se-hão em 19 de maio, as de Evora (Evora-Arrayollos) em 14 de setembro; as de Estremoz (Estremoz-Alandroal) em 21 de setembro; falta fixar o dia para as da Figueira, Barreiro e S. Thiago do Cacem.

Tambem falta fixar dia para as de 50 km. organisadas em Lisboa pela commissão de sport da União e de 100 km. As primeiras relisar-se-hão talvez em 27 d'abril e segundas em 25 de maio. O itinerario d'aquellas é natural que seja Azambuja Lisboa, e o d'estas: Lisboa, Azambuja-Lisboa.

Estão em via d'organização, pelos respectivos delegados da União, provas de 50 km. em Vendas Novas, Covilhã, Tondella, Caldas da Rainha e Penella, sendo provavel ainda que se realizem outras em Castello Branco e Mangualde.

Os delegados em Vizeu, Penella e S. João de Areias propõem-se a organisar corridas de velocidade em estrada. As de Vizeu terão lugar em 13 de junho e as de Penella em 13 d'agosto.

G. C. F.

Já foram eleitos os novos corpos gerentes do Gymnasio-Club Figueirense, a prestimoso aggrémiação que tantos servicos tem prestado ao sport e principalmente á velocipedica nacional.

A frente da nova direcção encontra-se agora o nosso presado amigo sr. Alvaro Ferreira de Lima, zeloso delegado da U. V.; acompanham-no outros elementos de grande incontestavel valor e que nos dão a certeza de que o G. C. F. ha de continuar progredindo e honrando o sport.

Os novos corpos gerentes são assim constituídos:

Assembleia geral—Presidenté, commendador Annibal Augusto Mello; vice-presidente, Francisco Marques d'Oliveira; 1.º secretario, Gualdino Hermem Gildo Guimarães; 2.º Secretario, Guilherme d'Oliveira.

Direcção—Presidente, Alvaro Ferreira Lima; vice-presidente, Manoel Fernandes Thomaz; secretario, Fernando Alves d'Azevedo; thesoureiro, Alfredo Lopes Vieira d'Andrade; vogal, José Augusto Evangelista; substitutos, José Bento Pessoa, Alfredo Augusto d'Oliveira e Eduardo da Costa Monsanto.

Comissão Revisora de Contas—Pedro Augusto Ferreira, Antonio Rodrigues d'Oliveira Paz e José Carlos da Silva Pinto.

A U. V. H.

A União Velocipedica Hespanhola approvou o seguinte programma sportivo para a proxima epocha:—16 de março, excursão ao rio Llobregat; 31 de março, provas de 50 km.; 20 d'abril, excursão a Moncada; 19 de maio, *grand prix* da U. V. H. (em estrada) 100 km.; 8 de junho, excursão a Caldetas; 6 de julho, excursão a Sttiges; 31 d'agosto, excarsão a Arenys; 24 de setembro, campeonatos de Catalunha e Barcelona (em pista); em outubro, campeonato de Hespanha (velocidade).

Representação:

No sabbado 8, o sr. conde Caria e o secretario da U. V. foram á camara dos deputados entregar a representação que hoje publicamos na secção de publicações officiaes da U. V. P. O referido documento, apresentado em sessão pelo sr. conselheiro Abel d'Andrade, baixou á commissão de fazenda para ser apreciado conjuntamente com a proposta de lei apresentada pelo sr. ministro da fazenda e a que a mesma representação se refere.

Temos esperança de que tanto o sr. dr. Abel d'Andrade, como outros membros da commissão de fazenda, advogarão as reclamações apresentadas pela U. V. P.

Oxalá assim seja para honra da nossa federação cyclistista e para bem da velocipedica portugueza.

Postura camararia:

O secretario da U. V. teve já uma primeira conferencia com o sr. D. Luiz de Castro, encarregado pela commissão administrativa municipal de tratar da remodelação da postura que regula o transito de velocipedes em Lisboa, em harmonia com as reclamações da U. V. P.

Ficou accente que a direcção da União seria um projecto de nova postura que depois seria apreciado pelo sr. D. Luiz de Castro e apresentado em sessão da commissão administrativa do municipio.

De raspão:

Enviaram-nos ha dias dois exemplares de um quinzenario que se publica no Porto e de cuja existencia ignoravamos. Ambos elles se occupam da nossa humilde pessoa. Não sabemos ao certo quem é o auctor da prosa, que não está assignada; temos, porém, fundadas razões para acreditar que seja um tal Pedro Bandeira.

E n'estas condições não merece a pena discutir o que o... homem escreve, se bem que elle quasi se limita a dar uma soffivel trepa no congresso da U. V. que nos reelegue secretario da mesma União e approvou o relatorio, bem como o voto de louvor que o conselho permanente nos propoz.

O preclara articulista apóda os congressistas de cobardia por nos accusarem, nas costas, de varias coisas feias e não terem a coragem de lá ir dizer-nol-as na cara. Pois foi pena que elles o não dissessem e o proprio Pedro Bandeira lá não fosse dizel-o, preferindo demittir-se antes de chegar o fim do anno. Sim porque um homem tão corajoso como é este ban... deira, em vez de pedir a demissão de socio da União, d'via antes ir ao congresso e fazer a sua accusação formal á direcção ou a algum dos seus membros, e depois demittir-se.

Preferio fazer o contrario e andar assollando a matilha por detraz da cortina.

Pois temos sincera pena que o ban... deira, assim procedesse; queríamos vel-o no congresso fazendo a nossa accusação, para termos ensejo de desfiar toda a meada de intrigas urdidas contra a União e, provar com as cartas do mesmo ban... deira, quem foi que as urdiu.

Mas o bonifrate é cauteloso e entendeu ser melhor, pedir a demissão de socio e andar fazendo fogo d'embuscada—porque tem o rabo entalado.

Decididamente, vemo-nos obrigados a fazer, mais dia menos dia, a autopsia moral d'este insigne ban... deira.

CARLOS CALLIXTO.

A bicycleta no exercito ¹

Até aqui as communicações entre os diversos corpos de tropas eram asseguradas pela cavallaria, que n'esse intuito destacava consideravel numero de cavalleiros para junto não só dos diversos estados maiores, como tambem dos commandos de étape. Por este facto os effectivos, e

¹ Traducção da versão franceza do *Berliner Lagerblatt*, publicada pela *International Revue*.

por conseguinte a força actuante das unidades de cavallaria, reduziam-se bastante. Hoje, porém a cavallaria acha-se dispensada, em grande parte d'estas funções accessorias, graças ao emprego dos cyclists, sendo sob este ponto de vista a principal qualidade da bicycleta a ausencia de exigencias, pois que bastam alguns cuidados na conservação da machina, para os accidentes se tornarem relativamente raros.

Os proprios pneumaticos, tão sensíveis por natureza, convêm absolutamente ao serviço em campanha, como o tem demonstrado a experiencia de muitos annos. As ligeiras reparações que n'elles haja a fazer, podem ser executadas pelo proprio cyclist, e se uma vez sobre cem um accidente n'um pneumatico inutiliza uma machina... tambem não haverá esquadraão que no decurso de uma manobra lhe não coxeie um cavallo?! Os cavallos ferem-se, coxeiam, comem, teem medo, fatigam-se e necessitam de repouso; nada d'isto succede á bicycleta, que sobre tudo nunca se fatiga. Quando um cavalleiro executa uma marcha de 100 km., o seu cavallo não pôde ser montado durante a metade do dia seguinte, para que recupere as forças, ao passo que algumas gotas de oleo na bicycleta, tornam possível que um novo estafeta da monte e vá desempenhar qualquer serviço longuico.

Para o serviço interior das companhias, etc. os cyclists consideram-se absolutamente indispensaveis. Durante os grandes calores, precedendo as tropas, conseguem que, nas localidades a atravessar, os habitantes disponham ao longo da estrada recipientes com agua potavel. Recebendo-se de improviso contra-ordem para um bivaque, os cyclists preparam á pressa os acantonamentos e á noite ainda vão buscar a ordem, cartas, etc., aos quartéis generaes.

Nos postos tem-se tambem substituído o cavallo pela bicycleta. Nos ultimos exercicios imperiaes que tiveram logar no sul da Alemanha, a direcção das manobras estabeleceu estações de mudas d'este genero em Carlsruhe, Singen, Pforzheim, Piefenbronn, Rutesheim, Diezingen e Stuttgart. Cada estação comprehendia 1 sargento e 5 homens, que permaneciam em serviço noite e dia, transmittindo os despachos com uma velocidade de 18 a 20 km. á hora, sem fadiga excessiva. Por esta forma se creou um serviço de communicações, que funcionou regularmente e sem entraves desde o primeiro dia.

Ainda os cyclists são agentes de grande importancia na ligação não só entre os diversos corpos de tropas, em marcha ou em estação, como tambem com a retaguarda, substituindo com vantagem os cavalleiros que antigamente se empregavam n'este serviço.

Poder-se ha objectar ao emprego dos cyclists: que a bicycleta nunca poderá substituir completamente o cavalleiro por ter de seguir as estradas; e o seu emprego depender completamente de tempo. Se a primeira objecção é fundada, o mesmo não succede á segunda, porque em todos os casos apresentados, o cyclist não tem necessidade de abandonar a estrada, e quando isso lhe seja absolutamente necessario, poderá n'uma certa extensão rodar atravez os restolhos, charnecas e prados. Para atravessar as terras lavradas, ou a areia, terá então necessariamente de descer da machina e transportar-a. A neve, a chuva, o vento e o mau estado dos caminhos pouca influencia pôdem ter sobre o cyclist, logo que tenha recebido a instrução de velocipedista militar, e a sua machina seja solida, isto é, que a sua entrada no serviço não tenha sido determinada pela razão unica de ter feito alguns passeios de bicycleta.

Como uniforme os cyclists militares usam nma blusa de lã escura denominada *litewka*, boné de grande pala, para os preservar dos raios solares, sapatos leves de atacadores e polainas de tela. Como armamento usam a bayoneta da infantaria e a carabina da cavallaria.

No exercito ainda não ha um modelo uniforme de bicycleta, o que seria de extrema conveniencia para substituição das diversas peças da machina. A unica uniformidade consiste em todas serem de construcção solida, baixas, providas de pneumaticos, e pintadas n'uma cor escura, não dispondo de nenhuma peça nickelada.

De todos os modelos o que mais favor tem merecido da opinião é o do capitão Gérard, que se pôde dobrar e transportar ás costas, o que, parecendo vantajoso, tem o inconveniente não só da perda de tempo, como tambem o de as machinas d'este modelo não serem tão rígidas como as de outros. Emfim a sua pretendida vantagem principal, que é o transporte facil ás costas, é um contrasenso; nunca um operario, por motivos de commodidade, transporta ás costas o seu carrinho em vez de o impellir.

A Alemanha não possui tropas especies de cyclists, como alguns estados da Europa, e é mesmo provavel que nunca os organise. Teem-se constituido, é certo, companhias especies de velocipedistas em todas as manobras imperiaes

com o fim de os empregar tacticamente, mas nunca obtiveram resultado. Será, contudo, imprudente regeitar em principio as unidades de velocipedistas como combatentes. sob o pretexto que não têm importancia; se a Alemanha não creou unidades especies de cyclists, é pela razão de que, se estas unidades são indispensaveis para determinados fins, permanecem, contudo, largo tempo, no decurso de uma campanha, sem emprego, ao passo que o mesmo não succede aos cyclists isolados.

Sendo assim, as 200 bicycletas de que dispõe cada corpo de exercito, podem estar agrupadas em companhias e collocadas sob as ordens de officias competentes, para mais tarde, quando cessem as circumstancias que determinaram o seu agrupamento, serem enviadas ás suas unidades.

Quando se examine mais de perto o emprego tactico das unidades de cyclists, comprovar-se-ha talvez a conveniencia de, no caso de uma mobilisação, assegurar a posse de um grande numero de bicycletas. Não é, porém, provavel que as manobras nos possam fornecer a experiencia necessaria sob este ponto de vista porque a zona de manobras é determinada exactamente e ninguem pôde ultrapassar-lhes os limites, e sendo restricto o espaço, os caminhos acham-se tomados pelas columnas, e encontram-se os adversarios relativamente proximos um do outro, ha sempre cavallaria em abundancia, além de as grandes manobras não durarem mais de quatro a cinco dias.

Se, antes das monobras, se reunissem os 200 cyclists de um corpo de exercito encarregando-os de uma missão conveniente, que poderia ser, por exemplo, a protecção de uma fronteira, poder-se-ia obter algum resultado proveitoso, mas, primeiramente, deviam os cyclists receber nas suas unidades uma instrução preparatoria para similhante operação, devendo essa preparação versar especialmente sobre a redacção e transmissão de relatorios. esboço de *croquis*, telegraphia, destruição de caminhos de ferro, e telegraphos, e, antes de tudo, a marcha em todos os terrenos e em todos os andamentos, como inclinações asperas, etc. A marcha durante a noite, n'um terreno desconhecido e sem lanterna, é da mais alta importancia.

O modo de emprego das tropas especies de cyclists não é fim tactico é regulado pelas particularidades do meio de locomoção empregado; a sua velocidade e insensibilidade á fadiga completam-se e valem tanto mais quanto mais longo é o caminho a percorrer. A prova evidente da superioridade da bicycleta sobre o cavallo foi dada na corrida de fundo entre Berlim a Vienna, executada por officias allemaes e austriacos, e que fez tanta impressão. A etapa foi percorrida ao mesmo tempo por cyclists e cavalleiros. O melhor cavalleiro, montando o melhor cavallo, gastou no percurso 72 horas, ficando o cavallo arruinado para sempre e o cavalleiro exausto de forças. O cyclist que primeiro chegou gastou 31 horas. Que ha melhor do que isto! O ultimo cyclist a chegar gastou menos um dia que o melhor cavalleiro, isto é, 51 horas.

Trata-se, pois, de aproveitar estas vantagens em favor das tropas cyclists. Graças á sua velocidade podem surgir inopinadamente nos pontos onde menos se poderia suppor a sua presenca, e graças á mesma celeridade desaparecerem tão rapidamente como appareceram. A sua potencia de combate é muito maior do que a de uma força de cavallaria de equal effectivo.

Mas para poder aproveitar completamente a sua velocidade, torna-se necessario deixar-lhe o campo livre; ao lado ou á retaguarda das columnas permanecem inactivas; o seu campo de operações encontra-se na frente ou nos flancos do exercito, é ahí que se notam as vantagens do velocipede; não dependendo das columnas de viveres, por não sentirem a falta da aveia, do feno, nem da agua, as tropas de cyclists aproveitam-se então de toda a sua celeridade, gozando o maior grau de independencia.

As tropas cyclists terão, pois, desde o inicio uma grande utilidade n'uma guerra futura. Um determinado numero de companhias enviadas separadamente para a frente das tropas de cobertura e collocadas sobre uma direcção unica, poderão pela sua appareição imprevista embaraçar seriamente a mobilisação inimiga prestandose perfeitamente para occupar e defender postos importantes situados á frente, taes como pontes, vias de communicação, tuneis, etc., oppondo-se ás tentativas de invasão da cavallaria inimiga. Mas para isto torna-se necessario que os cyclists disponham da espingarda da infantaria, isto é, de uma melhor arma que a carabina da cavallaria. A velocidade dos cyclists não diminuirá pela razão da sua arma de fogo ser alguns centimetros mais comprida, e terão a vantagem de poder armar baioneta, o que é indispensavel para a offensiva que estas tropas executarão por surpresa.

Quando os dois exercitos se tenham aproximado e que nada de importante se possa tentar sobre a frente, ainda as tropas de cyclists terão um largo campo de acção nos ataques de noite, generos de operações onde a bicycleta é preciosa pela razão de não fazer builha. Além d'estas operações, ainda se poderá empregar os cyclists isolados ou em grupos de dois ou tres, no serviço de patrulhas, transmissão de ordens, etc.

Nos flancos e mesmo fóra da zona de operações propriamente dita, não será para desprezar o concurso das tropas cyclists, que impedirão os torneamentos inimigos, porque poderão d'elles dar conhecimento muito mais rapidamente do que a cavallaria.

Haja vista o aviso tão importante da marcha de flanco executada por Faidherbe a 16 de janeiro de 1871, aviso que, por causa da geada que tornava impossivel toda a andadura rapida do cavallo, não chegou ao conhecimento do general Góben senão ás 2 horas e meia da noite, quando a cavallaria allema tinha d'elle conhecimento preciso desde o meio dia. Um velocipedista poderia ter transmittido este despacho 12 horas mais cedo.

Emfim, quando os dois exercitos se encontram em presenca e enquanto as suas cavallarias se vigiam, as tropas cyclists executarão torneamentos mais largos, e por marchas nocturnas imprevistas, apparecerão e desaparecerão antes que o camponez admirado, que por acaso as encontre, possa distinguir se se trata de amigos ou inimigos, operando por surpresa sobre a retaguarda do inimigo.

E' chegado o momento de cortar as linhas telegraphicas e destruir as linhas ferreas, operações onde mais estimaveis se tornam as qualidades da bicycleta que facilmente se pôde abrigar no terreno, e por qualquer razão permanecer escondida durante o dia n'um bosque, por exemplo para continuar a marcha durante a noite.

Sobre a retaguarda do exercito amigo tambem a bicycleta pode exercer a sua acção. Duzentos cyclists armados de espingarda apparecendo ora aqui, ora acolá, conterão muito melhor em respeito os habitantes da região, do que um batalhão do landwehr instalado na capital do districto.

Em muitos casos em que até aqui se transportava a infantaria em carros, como para apoiar as divisões de cavallaria, poder-se-hão no futuro empregar as tropas cyclists; o mesmo succederia ás companhias de sapadores que transportariam o seu material em automoveis. O exercito inglez possui já actualmente canhões-revolvers montados em tricyclos automoveis.

No combate, as tropas cyclists empregam geralmente os mesmos principios tacticos que a infantaria. No momento da acção, as machinas são lançadas por terra á retaguarda da linha de combate, onde ficarão a maior parte das vezes a coberto; ao contrario, para repellar a cavallaria, os cyclists deverão postar-se a trez ou quatro passos á retaguarda das bicycletas e d'ahi fazer fogo. A experiencia tem mostrado o medo invencivel que os cavallos teem pela bicycleta e que só raramente se consegue fazel-os atravessar esta linha de machinas.

O campo d'acção, em tempo de guerra, da bicycleta não poderá ser mais variado nem maior. Apesar de tudo, os detractores do systema combatem-o ainda, empregando como argumento que nem sempre uma tropa de cyclists obtem os resultados desejados, mas tambem nem sempre a infantaria ou a cavallaria os consegue obter sem que isso sirva a algum de argumento para negar a necessidade da existencia d'estas armas.

Traduzido por J. M. S.

Do nosso estimado collega, *Revista Militar*.

CAÇA

EXPOSIÇÃO DE CAÇA

Trabalha-se para a realisação, no presente anno, de uma exposição canina com secção de caça, armas e tudo o que com esses assumptos se relacione, o local escolhido é o Palacio de Crystal, no Porto. Louvamos a iniciativa e fazemos votos pelo seu bom exito.

Em 22 de maio de 1895, por iniciativa da redacção de *O Tiro Civil*, foi em Lisboa organizada uma comissão para a realisação d'uma exposição que tinha como presidente effectivo S. M. El-Rei D. Carlos. Mais tarde pedimos á *Associação dos*

Caçadores Portuguezes para que renovasse a iniciativa d'esse empreendimento, sem que nada conseguíssemos; por isso, vemos, com particular satisfação, a realisação d'esse certamen, embora não se realize em Lisboa.

Muito tem a ganhar a arte venatoria com a realisação da projectada exposição e bom seria que se aproveitasse o ensejo para que esse bello certamen se repetisse para o anno, aqui, na capital.

Podemos garantir que não faltaria local apropriado para a sua realisação.

O DEFESO

A secção de caça do *Gymnasio-Club Figueirense* enviou-nos, o que muito agradecemos, uma circular sua e edital publicado pelo digno administrador do concelho da Figueira da Foz, sobre o *defeso*.

O edital tem a data de 17 de fevereiro de 1902 e relembra as prescrições do *Regulamento da Caça no Districto de Coimbra*, de 3 de março de 1892, approvedo pela Junta Geral em 28 de abril do mesmo anno.

A circular do G. C. F. traz a copia integral do citado regulamento e termina por estabelecer a gratificação de 5000 réis a quem provar com testemunhas qualquer transgressão do regulamento citado.

Estabelece o prémio de 500 réis por cada rapoza, 100 réis por cada milhafre e 500 réis pela indicação do lugar de ninho ou criação de perdizes.

Felicitemos a comissão da secção de caça pelos esforços que emprega para que o *defeso* seja uma realidade.

Alguns dos nossos collegas da provincia teem publicado avisos e noticias sobre a questão do *defeso*. E' um bom serviço que muito pôde concorrer para que a lei seja um pouco mais respeitada.

O *Club dos Caçadores*, do Porto, fez lançar uma boa quantidade de cazas de perdizes em varios pontos apropriados, para repovoamento d'estas aves, e tem (tambem tomado varias providencias para que o *defeso* se mantenha.

AS AVESINHAS

Noticia um nosso collega que em Madrid ha uma grande predilecção pelas pequenas aves fritas e que só uma casa situada na rua do Principe á esquina da rua do Prado, consome por anno 360000 passaros! e que, calculando que as outras casas do genero consumam somente 140000, vemos que a mortandade, isto é, a destruição é de 500000 passaros por anno!!!

Em Lisboa não queremos querer que atinja tal excesso, mas, quem vir a quantidade de passaros que vae pelos nossos mercados e estabelecimentos, tanto vivos como já mortos, quem attender aos immensos individuos que se empregam na apanha das pobres avesinhas, comprehenderá que não somos menos barbaros e destruidores, que os nossos visinhos hespanhoes.

Já por mais de uma vez temos aqui, em columnas de *O Tiro Civil*, protestado contra tal selvageria, mas sem que ninguem nos ouça, e, a hecatombe continua a fazer-se desapiedadamente victimando essas prestantes e encantadoras avesinhas que tanto nos deliciam, algumas d'ellas, com os seus cantares.

COMO OS BOERS CAÇAM

Conta o caçador inglez Baldwin no seu livro de viagens:

«Trepava a montanha dos Omgowis, quando um homem chamado Joubert, cidadão da republica transvaaliana me indicou o caminho que eu devia seguir.

Quando cheguei ao cume da montanha, Joubert e seus filhos, que são grandes caçadores, quasi não tinham munições.

Frantz Joubert tinha matado — *mirabile dictu!* — com a mesma bala quatro machos da caama, a especie mais feroz, mais difficil de cercar de toda a familia dos antilopes e que tem a vida muito dura.

Erguia-se ao romper do dia, não poupando nem o seu tempo nem as suas fadigas, arrastando-se na herva até estar bem seguro do seu tiro; não tinha na espingarda senão precisamente a quantidade de polvora para que a bala pudesse atravessar a pelle e chegar ao sitio em que devia produzir a morte. Abria então o animal, retirava a bala e tornava a carregar a sua espingarda.

Cada despojo de caama valia-lhe, quando eurtido, 12 a 15 shillings.

Um dia, uns leões mataram-lhe o cavallo; Jou-

bert prometteu vingar-se. Pouco tempo depois, elle e seu irmão John, tendo avistado 3 leões, perseguiram-n'os. Ambos estavam a pé. Frantz chegou, arrastando-se pelo meio das urzes, a collocar-se por baixo do ultimo do bando, que era uma leão.

Ergueu-se, então, esperou a pé firme, puxou o gatilho, mas o tiro não partiu. Era uma espingarda primitiva.

No momento em que a sua arma falhava pela segunda vez, a leão saltou sobre elle, e, mordendo-o n'uma perna e rasgando-lhe as carnes, mutilou-o cruelmente.

Triturava-lhe a coxa, quando um tiro disparado por seu irmão matou a leão, que estava em cima de Frantz.

Havia poucos dias que o facto se tinha passado quando o valente rapaz m'o contou.

— Tel-a-la morto, dizia elle com a maior tranquillidade, se os meus dois tiros não tivessem falhado.

E o unico pezar que elle exprimia era não ter uma espingarda de repetição.»

Isto passava-se a 18 de agosto do 1869. Vê-se que essa coragem e essa valentia se não desmentiram. Que o diga essa triste e deshumana guerra que dura ha mais de dois annos e que parece se prolongará por muito tempo.

NAUTICA

R. C. N. L.

Recebemos o *Relatorio do Conselho Director e Parecer da Comissão Revisora de Contas, relativo ao anno de 1901*, offerta que muito agradecemos.

Por este bem elaborado e desenvolvido documento vê-se o grau de prosperidade que attingiu o *Real Club Naval de Lisboa* no passado anno. Este club, o primeiro da sua especialidade que existe hoje no paiz — e do qual temos a honra de ser socio honorario — teve, n'esse periodo, um grande desenvolvimento que se manifesta logo pelo augmento dos socios contribuintes, que, de 179 que eram ao entrar a gerencia de 1901 ficaram em 292.

As escolas de remos foram frequentadas por 54 socios, obtendo 33 a classificação de remadores, ficando o club com: 33 patrões, 20 timoneiros e 90 remadores.

Regista com jubilo que, por despacho de 22 de agosto do anno findo, o sr. ministro da marinha, concedeu ao club a regalia de içar á pôpa dos yachts registados uma bandeira privativa. A bandeira é rectangular, toda azul, com as armas reaes portuguezas ao centro, regalia esta que foi o club o primeiro e unico que a tem obtido em o nosso paiz.

Da receita de 1901, comparada com a de 1900, acha-se um augmento de réis 740\$888, o que, se bem demonstra a boa administração, é garantia d'um desafogado e prospero futuro. O fundo social é de réis 2:549\$740.

O club tem 6 socios protectores; 3 socios e 6 socios honorarios; 22 socios correspondentes, e, como já dissemos, 292 contribuintes, sendo d'estes, 6 fundadores.

Os yachts registados são 68, sendo: 1 barca, 3 palhabetes, 29 canoas, 18 cutters, 4 vapores, 9 botes, 3 yawl e 1 cahique.

O club possui: 5 guigas, 2 outriggers, 1 pic-nic-boat, 1 escaler e 1 bote de serviço.

Felicitemos o *Real Club Naval de Lisboa* e muito em especial a sua illustre e dedicadissima direcção, fazendo votos por que continue n'essa *maré cheia* de prosperidade que tão importante e sympathico o tornam.

No dia 8 á noite reuniu a assembléa geral na séde do club para discutir o relatorio e contas da direcção, que foram approvedas unanimemente, com um voto de louvor ao conselho director, e proceder á eleição dos corpos gerentes que deu o seguinte resultado:

Mesa da assembléa geral — Presidente, Elycio Mendes; vice-presidente, Guilherme Ferreira Pinto Bastos; 1.º secretario, Fernando Munró dos Anjos; 2.º secretario, Carlos Figueira Freire; vogal, Antonio José Malheiro.

Conselho director — Effectivos: Presidente, Augusto José Ferreira Pinto Basto; vice-presidente, João Vellez Caldeira Castello Branco; secretario, Carlos Duff; vice-secretario, Alberto Gimenez; thesoureiro, Augusto Moniz; vice-theoureiro, Jayme de Vasconcellos Thompson; vogal e director tecnico, Joaquim de Andrada Leotte. — Supplentes: Alberto de Miranda, Joaquim Trindade Baptista e Alfredo Baptista da Silva.

Comissão revisora de contas — Effectivos: Manoel Figueira Freire da Camara, Leopoldo Diniz e José Joaquim da Silva Graça. — Supplentes: conde das Galveias, conde dos Olivares e de Penha Longa e conde de Jimenez y Molina.

Comissão de regatas — Dr. Manoel de Castro Guimarães, conde d'Obidos, Julio Maria Freire da Fonseca, H. S. B. Mitchell e Charles Bleck.

Foram tambem eleitos socios honorarios do club os srs. ministros da marinha, da guerra e das obras publicas, director geral da marinha, chefe do departamento maritimo do centro, H. Hersent, Luis Strauss, João Carlos Thompson e D. Fernando de Serpa.

MOSAICO

AS NOSSAS GRAVURAS

Gil Portocarrero

Dr. Alexandre de Sousa Carneiro
Carlos Paniagua e Sanches

Nas secções de Tiro e Auto-Velocipedia nos referimos a estas gravuras.

Rodolpho Veitas Costa

O distincto *sportsman* de quem publicamos hoje o retrato, foi um dos fundadores do *Sport Club Viannense* e o presidente da direcção d'aquella sympathica agremiação sportiva durante tres annos. Vivendo habitualmente em Lisboa nunca se desinteressou dos assumptos respeitantes ao seu *Club*, estando em correspondencia constante com o vice-presidente sr. Luiz Trigueiros, que o trazia sempre informado das occurrencias e trabalhos que interessavam á referida associação.

Dotado de exemplarissimas qualidades de caracter e de coração, o sr. Rodolpho Veitas Costa, conta em Vianna do Castello, aonde seus paes são ricos proprietarios, numerosas sympathias, que se manifestam affectuosamente sempre que visita a sua casa d'aquella cidade.

Ao *Sport Club Viannense* prestou o sr. Veitas Costa excellentes serviços, sendo muito sentida a sua retirada da direcção, entre os socios d'aquella club.

REVERENDO MENDES NEUTEL

Com o maior prazer damos aos nossos leitores a agradável noticia do restabelecimento d'este nosso respeitavel amigo e venerando ancião. Foi uma noticia que recebemos com verdadeiro jubilo e que communicamos aos nossos leitores com a maior satisfação.

Sabemos que o illustre e reverendo vigario da Vara em Ourique, o sr. padre Custodio da Fonseca Mendes Neutel tenciona vir a Lisboa, o que nos dará seguro ensejo de o conhecermos pessoalmente e lhe agradeceremos todas as provas de amizade e immerecidas deferencias de que nos confessamos devedores.

ALVARO FERREIRA DE LIMA

Chamado a Lisboa por causa da doença de sua extremosa mãe teve a delicadeza de nos visitar este nosso presado amigo e talentoso delegado da U. P. na Figueira da Foz. Quereriamos com os nossos agradecimentos por tamanha gentileza, apresentar ao nosso bom amigo os votos sinceros pelas melhoras da sua querida doente, infelizmente, porém, o que temos é de lhe apresentar as nossas condolencias pois que a virtuosa senhora falleceu depois de doloroso soffrimto. Lamentando intimamente o doloroso facto, acompanhamos o sr. Alvaro de Lima na incomparravel dôr que elancieia a sua alma de filho.

CONSULTORIO DENTARIO Saturio Augusto Paiva, *Cirurgião dentista* ♦ ♦ ♦ ♦ ♦
♦ ♦ ♦ ♦ ♦ pela escola de Paris. = Doenças de bocca e dentes,
RUA DE SANTA JUSTA, 60, 2.º